

*Longa é a arte  
Tão breve a vida*

Antônio Carlos Jobim

A revista *ArtCultura* almeja fomentar o diálogo interdisciplinar entre História e cultura, concebida esta num sentido bastante amplo. Seus eixos de interesse se apóiam nas relações entre História e distintos campos de produção cultural, como cinema, teatro, literatura, música, artes plásticas, arquitetura e demais áreas das humanidades, sem perder de vista a cultura entendida como modo de vida.

Com mais este número estamos dando um passo muito importante para a revista. Depois de três anos com periodicidade anual, sentimos-nos capazes de transformá-la em semestral, no ano de 2002. O esforço para dinamizar ainda mais este veículo levou a uma mudança significativa tanto do Conselho Editorial como do Conselho Consultivo. Essas alterações, presentes neste número, se desdobram também num novo formato, que procuraremos manter. Assim, de agora em diante teremos quatro seções: dossiê ou mini-dossiês, traduções, artigos e resenhas.

O dossiê História & Música, organizado por Adalberto Paranhos, apresenta estudos que contemplam reflexões situadas num arco que vai dos gêneros musicais ao campo da recepção. Os textos, em que pesem suas diferenças, estão voltados para a historicidade de encontros que entrecruzam diferentes vozes, sons, gestos, letras e imagens.

Na seção Traduções, François Dosse vai destacar as contribuições de Michel de Certeau ao se referir ao tema do espaço urbano. Assinala, então, que os gestos, as práticas, as artes de fazer e as narrativas do cotidiano constituem, efetivamente, verdadeiros "arquivos urbanos". E, ao mostrar os percursos empreendidos pelos usuários, a cidade que daí emerge é o lugar de uma guerra de narrativas.

A sociedade e as relações cotidianas também estão na mira de análise de Claudine Haroche, ao abordar, de modo particular, as formas extremas de individualismo, estranhamento e desengajamento que envolvem a própria subjetividade dos indivíduos em determinadas situações. Para a autora, esta "novidade antropológica" caracteriza-se pelo comportamento movido unicamente pelo interesse em si mesmo.

Os artigos que constituem a terceira parte da revista contêm questões as mais diversas, baseadas em distintas discussões teóricas. O texto de Guilherme Amaral Luz examina os domínios da Retórica e da historiografia nos últimos trinta anos, preocupado em apontar

seus cruzamentos. A partir daí ele propõe um projeto transdisciplinar que vincule os dois termos dessa equação.

Elizabeth Cancelli dirige seu olhar para os Estados Unidos e amplia a visão que se tem sobre a estratégia da Guerra Fria. Arte, cultura, dispositivos de poder e o envolvimento de intelectuais com a política cultural norte-americana dos anos 1950 e 1960, tudo isso vem à tona em sua pesquisa.

Costurando diferentes análises, os artigos seguintes abrangem uma multiplicidade de tradições, costumes, valores reatualizados, textos visuais e mensagens radiofônicas. Lúcia Lippi Oliveira busca salientar os processos de mudança que interferiram nas delicadas relações tecidas ao longo do tempo entre Brasil e Portugal. No que diz respeito às elites letradas brasileiras, acentua a autora, observa-se uma clara oscilação entre a aceitação e a recusa da herança ibérica. Éder Silveira tomando como ponto de partida dois livros de Monteiro Lobato escritos no início do século XX, se propõe esclarecer o sentido do seu comprometimento com as lutas em prol da higienização e da eugeniação, em cujo contexto se evidencia o papel desempenhado pela construção da imagem do Jeca.

Maria Inez Machado Borges Pinto desloca a análise do fenômeno radiofônico, no Brasil, do Rio de Janeiro para São Paulo. E aí identifica manifestações que incorporam elementos da cultura popular canalizados pela radiodifusão, além de apontar certas peculiaridades do rádio paulistano. Já Sílvia Helena Zanirato investiga como as caricaturas, durante o primeiro governo Vargas, nos colocaram muitas vezes em contato com um mundo distinto da propaganda oficial, apesar dos caricaturistas sofrerem com a severa vigilância que era exercida sobre eles.

Tentando aliar vida, arte e conhecimento, os trabalhos aqui apresentados mostram diversidade nos temas, nas pesquisas, bem como no trato da cultura. Por fim, a resenha de Marcos Antonio de Menezes põe em destaque o livro de Dolf Oehler, *Terrenos vulcânicos*, que se dedica a reinterpretar os artistas (Charles Baudelaire, Gustave Flaubert, Honoré Daumier etc) que produziram o melhor de suas obras sob o impacto da derrota da Revolução de 1848.

Como palavra final, lembramos que todo o projeto da revista *ArtCultura* é um esforço coletivo, e sua existência depende dos leitores, a quem pedimos participação.

Kátia Rodrigues Paranhos  
Editora